JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — **Ovar**
Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

AS MISSÕES ESTRANGEIRAS NAS COLONIAS

A conferencia do jesuita Lecomte na Sociedade de Geographia «começou por um rapido esboço «do que tem de ser e é a missão «moderna, que *longe de reduzir-se* «á cathechese e evangelisação di«recta do indigena procura *primei«ro assimilal-o, antes de o fazer «christão, e cidadão*, depois *mos«trou* que no *fundo* e no *influxo* «as missões *de pessoal estrangeiro* «eram inteiramente portuguezas «para Portugal e com Portugal «trabalhavam».

Parece que se ficou de bocca aberta diante do padre conferente, que sobre o modo de civilisar os selvagens nada nos diz de novo, senão que as missões religiosas mudaram de processo, para *adoptarem* o que muitos (e até nós mesmos), ha muito aconselham como preferivel.

Dar-lhes o espectaculo da nossa vida, dos nossos costumes, atrahil-os ao nosso modo social, associal-os aos nossos trabalhos, commodos e lucros, provocar-lhes o desejo, e o interesse de nos imitarem, e não só influir uma fé, que por sublime que seja, não lhes tira a desconfiança, não consegue tornal-os subordinaveis, e afinal todos os exforços n'esse fim se perdem, ficam inuteis—o que se sabe pela experiencia.

Emquanto ao segundo ponto, que as missões no *fundo* e no influxo eram portuguezas, traslademos para aqui um retalho do eloquente e sincero discurso do sr. Boavida, deão da Sé de Lisboa, superior do collegio das Missões de Sarnache do Bomjardim, perante a Sociedade de Geographia, ao qual nenhum dos socios interessados na acceitação dos padres estrangeiros, nem mesmo o sr. Barros Gomes, se atreveu a responder-lhe e cujo effeito foi obstar então a que fossem admittidos.

A pagina 72 e seguintes d'esse discurso, que foi publicado, e do qual o sr. Boavida me obsequiou com um exemplar, lê-se:

«Assevêra se, que os missionarios estrangeiros teem sempre procurado a benevolencia das auctoridades portuguezas, *reconhecendo-as* e sujeitando-se ás leis do paiz.»

«Em Landana, por exemplo—Veio a Lisboa um missionario francez, que era o superior, e alguns patriotas solicitaram, que fosse nomeado chefe das missões do real padroado — reconheceu-se, que era uma rematada loucura.»

Em compensação satisfez-se a tudo quanto requisitou, entre outros objectos que pediu, figuram os *romances do Camillo*, e *Vinhos do Porto!*»

«Para nada faltar, foram lhe fornecidos *armamentos completos!* que não conta terem feito parte da bagagem dos antigos missionarios.»

«E como correspondeu a tantos favores? Logo que regressou a Loanda, *instado* a subordinar-se á *jurisdicção do bispo*, recusou-se terminantemente a reconhecel-a!»

«Não invento—consta da cor«respondencia official, *não só do «bispo*, como do governador ge«ral.»

«Mas depois d'isto (é incrivel), «requisitou 4 contos e setecentos «mil réis, e promptamente lhe foi «abonada essa quantia, quando se «regateia ás nossas missões a «verba de 80$000 réis!»

«O insigne prelado de Moçam«bique, o padre Barreto traduziu «do jornal «Le Monde», um rela«torio sobre a missão de Landana.»

«Logo no começo (note-se bem) se affirma, que quando um navio fundeia no porto, vê-se logo um grupo de rapazes pretos a *venderem* legumes, flores, e fructas, *fallam francez*, e perguntando-se-lhes d'onde veem, respondem: somos da missão catholica, educados no amor de *deus da França.*»

(Annaes das Missões tomo 3.º, pag. 12).

«O mesmo documento (a pag. 33) reportando-se a um celebre tratado entre os indigenas e um almirante francez, declara: «—E' em virtude d'este tratado e d'esta intervenção da marinha franceza, que a missão de Landana foi sempre considerada depois como um estabelecimento francez.»

«Nada temos a confiar n'estes padres estrangeiros—se exigem provas, consultem-se os documentos relativos ao reconhecimento dos nossos direitos n'essas longiquas paragens, e vêr-se-ha que os missionarios francezes de Landana, pela sua constante e obstinada hostilidade, foram o mais poderoso estorvo que encontrou o governo portuguez»

«Veja-se tambem o «Esboço Historico do Congo e Loango», por José Emilio dos Santos Silva».

Voltemos á conferencia.

O padre Lecomte accrescenta: —«a aprendizagem dos officios, a arroteia, o aldeamento, *a orgaisação da defeza* sob a bandeira de Portugal, *a instrução militar*, são actos successivos das missões catholicas no sertão.»

Isto agora mais de vagar, é um perigo e grande.

Os jesuitas no Paraguay ensinaram as culturas, os officios, e arte militar aos indios, subordinando-os assim completamente á sua influencia, e quando o governo portuguez e o espanhol se combinaram sobre uma troca de terrenos, os indios soblevaram-se, os jesuitas Lamp e Thadeu conduziram-n'os aos combates, e só cederam a uma grande expedição organisada pelo Marquez de Pombal.

Temos, pois, em perspectiva, em Africa, uma enorme exploração das ordens missionarias, a cuja dependencia o governo vae sujeitar o dominio portuguez, se consente n'esse plano, exposto pelo padre Lacombe, *seductor na apparencia*, mas inconveniente, e a meu vêr, insidioso.

Continúa

Lourenço d'Almeida e Medeiros

FAISCAS DE FOGO MORTO

E' o titulo do recente livro de versos, que publicou o fecundo e sempre inspirado auctor da *Paquita*, e que se dignou offerecer-m'o nas seguintes commoventes frases «a Lourenço d'Almeida e Medeiros, *ao meu querido poeta e velho amigo, no dia em que faço oitenta annos* »

Não são faiscas de fogo morto, mas ainda muito vivo com novos lampejos de uma suave poesia campesina, sobretudo.

Vem enfileirar-se com as Flores Agrestes, as Canções da Tarde, os Cantos e Satyras, as Canções e Idyllios, etc—e com a Paquita—de que publicaremos aqui alguns trechos, poema no genero do *D. João* de Byron, e que não lhe é inferior, como se verá, cotejando-os

Do começo ao fim a sua leitura prende, encanta.

Parabens ao illustre poeta.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

O SECCAR DAS FOLHAS.

(Millevoye).

Das ruinas destes bosques
O outomno alastrou o chão!
A selva perdeu seus mimos;
Os rouxinoes mudos são.

No bosque, amigo da infancia,
Triste um joven vagueava;
Na sua aurora doença
Para o Sepulchro o inclinava,

«Adeus floresta querida!
Vestes lucto por meu fim?
Como te cai folha e folha
A morte me segue assim.

Intima voz, que revela
Seu fado extremo aos mortaes,
Me diz: —vês cahir as folhas?
São essas só: não ha mais!

Sobre esta pallida fronte
O torvo cypreste ondeia,
Como o que, pharol dos mortos,
Sobre campas se meneia.

Antes da vide na encosta,
Antes da relva no prado,
Os dias da juventude
Terão para mim murchado!

Minha linda primavera
Qual a van somb a passou!
Eu morro, o euro gelado
Da vida a seiva mirrou.

Cáe, oh passageira folha;
Vem esta senda cobrir;
Esconde ao pranto materno
Logar onde vou dormir.

Mas se vier minha amante,
Involta em véu luctuoso,
Ao pôr do sol, na lameda,
Dar-me um suspiro saudoso,

Com o teu leve rugido
Desperta, oh, desperta o morto;
Que assim sua sombra tenha
Ainda allivio e conforto!»

Disse: afastou-se, não e volve
Ultima folha cahiu:
Era o signal: seu sepulchro
Sob o carvalho se abriu.

Mas sua amante não veio:
E só do valle o pastor
Quebrou com som de passadas
Repouso do trovador.

Trad. por
Alexandre Herculano.

A TEMPESTADE

Sibilla o vento—os torreões de nuvens
Pésam nos densos ares:
Ruge ao largo a procella, e encurva as ondas
Pela extensão dos mares:
A immensa vaga ao longe vem correndo,
Em seu terror envolta;
E, d'entre as sombras, rapidas centelhas
A tempestade solta.
Do sol no occaso um raio derradeiro,
Que, apenas fulge, morre,
Escapa á nuvem, que, apressada e espessa,
Para apaga-lo corre.
Tal nos affaga em sonhos a esperança,
Ao despontar do dia,
Mas, no acordar, lá vem a consciencia
Dizer que ella mentia!
As ondas negro-azues se conglobaram;
Serras tornadas são,
Contra as quaes outras serras, que se arqueiam,
Bater, partir-se vão.

Oh tempestade! Eu te saúdo, oh nume,
Da natureza açoite!
Tu guias os bulcões, do mar princesa,
E é teu vestido a noite!
Quando pelos pinhaes, entre o granizo,
Ao sussurrar das ramas,
Vibrando susto, pavorosa ruges
E assolação derramas,
Quem porfiar comtigo, então, ousára
De gloria e poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

Quem me dera ser tu, por balouçar-me
Dos nuvens nos castellos,
E ver dos ferros meu, emfim, quebrados
Os rebatidos élos!
Eu rodeára, então, o globo inteiro;
Eu sublevára as aguas;
Eu dos volcões com raios accendêra
Amortecidas fráguas;
Do robusto carvalho e sobre antigo
Acurvaria as frontes;
Com furacões, os areiaes da Lybia
Converteria em montes;
Pelo fulgor da lua, lá do norte
No polo me assentára,
E vira prolongar-se o gelo eterno,
Que o tempo amontoára.
Alli, eu solitario, eu rei da morte,
Erguêra meu clamor,
E dissera:—sou livre, e tenho imperio;
Aqui, sou eu senhor!»

Quem se podéra erguer, como estas vagas,
Em turbilhões incertos,
E correr, e correr, troando ao longe,
Nos liquidos desertos!
Mas entre membros de lodoso barro
A mente presa está!...
Ergue-se em vão aos céus: precipitada,
Rapido, em baixo dá.

Oh morte, amiga morte! é sobre as vagas,
Entre escarcéus erguidos,

Que e te invoca, pedindo feneçam
Meus dias aborridos:
Quebra duras prisões, que a natureza
Lançou a esta alma ardente;
Que ella possa voar por entre os orbes,
Aos pés do Omnipotente,
Sobre a nau, que me estreita, a prenhe nuvem
Desça, e estourando a esmague,
E a grossa proa, dos tufões ludibrio,
Solta, sem rumo vague!

Porém não!... Dormir deixa os que me cercam
O somno do existir;
Deixa-os, vãos sonhadores de esperanças
Nas trévas do porvir.
Doce mãe do repouso, extremo abrigo
De um coração opresso,
Que ao ligeiro prazer, á dor cançada
Negas no seio accésso,

Não despertes, oh não! os que abominam
Teu amoroso aspeito;
Febricitantes, que se abraçam, loucos,
Com seu dorido leito!
Tu, que ao misero ris com rir tão meigo,
Calumniada morte;
Tu, que entre abraços teus lhe dás asilo
Contra o furor da sorte;
Tu, que esperas ás portas dos senhores,
Do servo ao limiar,
E eterna corres, peregrina, a terra
E as solidões do mar.
Deixa, deixa sonhar ventura os homens;
Já filhos teus nasceram:
Um dia acordarão desses delirios,
Que tão gratos lhes eram.
E eu que vélo na vida, e já não sonho
Nem gloria. nem ventura;
Eu, que esgotei tão cedo, até as fézes,
O calix da amargura:
Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado
De quanto ha vil no mundo,
Sanctas inspirações morrer sentindo
Do coração no fundo,
Sem achar no desterro uma harmonia
De alma, que a minha entenda,
Porque seguir, curvado ante a desgraça,
Esta espinhosa senda?

Torvo o oceano vai! Qual dobre, soa
Fragor da tempestade,
Psalmo de mortos, que retumba ao longe,
Grito da eternidade!...

Pensamento infernal! Fugir cobarde
Ante o destino iroso?
Lançar-me, envolto em maldicções celestes,
No abysmo tormentoso?
Nunca? Deus pôs-me aqui para apurar-me
Nas lagrymas da terra;
Guardarei minha estancia atribulada,
Com meu desejo em guerra.
O fiel guardador terá seu premio,
O seu repouso, emfim,
E atalaiar o sol de um dia extremo
Virá outro após mim.
Herdarei o morrer! Como é suave
Bençam de pae querido.
Será o despertar, ver meu cadaver,
Ver o grilhão partido.

Um consolo, entretanto, resta ainda
Ao pobre velador:
Deus lhe deixou, nas trévas da existencia,
Doce amisade e amor.
Tudo o mais é sepulchro branqueado
Por embusteira mão;
Tudo o mais vãos prazeres. que só trazem
Remorso ao coração.
Passarei minha noite a luz tão meiga,
Até o amanhecer;
Até que suba á patria do repouso,
Onde não ha morrer.

Alexandre Herculano

NOTICIARIO

TEMPO

O tempo tem sido pessimo e, segundo a nossa opinião, *afinará* senão depois do dia 25 do corrente.

Ponham, pois, *o coração á larga*, que não o *abicham* bom, bom, antes d'esse dia.

Bem sabemos, que custa bastante, esperar por cousas bôas, como succede agora com os caros leitores, esperando o tempo fino; mas mais lhes custaria, se, por ventura, esperassem por alguma coisa, que nunca chegassem a alcançar!...

Portanto, sempre do mal o menos!

PESCA

O resultado da pesca na costa do Furadouro, durante a semana finda, não pôde ser de valor mais baixo...

UM MACACO PRODIGIO

Entre as maravilhas e curiosidades que Londres offerece aos seus visitantes, conta-se um macaco de tão extraordinarias faculdades que tem causado a mais viva admiração em todos quanto o teem visto.

Chama-se Consul II (porque o que se chamou Consul I morreu ha dois annos com uma pneumonia) e faz o espanto de toda e gente, por que tal como se fôra uma pessoa, come, bebe, ri, assobia, assoa-se, anda, senta-se, dança monta em bicycleta e guia um automovel.

Isto não é um macaco, é um *macacão*, que faz muitas coisas mais, as quaes não publicamos por... falta d'espaço!!!...

ANNOS

Fazem annos:

—No dia 16, a menina Alda, filha do sr. José Maria Rodrigues de Figueiredo, importante commerciante, d'esta villa.

—E, no dia 18, o sr. Antonio Dias de Rezende, filho do sr. José Maria Dias de Rezende, conceituado industrial, d'esta villa.

Fez annos no dia 12 o nosso amigo Apolinario José da Silva Lopes, de S. Miguel.

*

Faz annos no dia 15, o sympathico e distincto sporteman Álvaro Valente d'Almeida.

A ambos, as nossas felicitações.

A todos nossos parabem.

TERCEIROS

Dissémos no ultimo numero do nosso jornal que se o tempo permittisse sahiria a procissão dos Terceiros. Enganam'o-nos. O tempo esteve esplendido e a procissão não sahiu, Porquê?

Assim o tinha resolvido, com antecedencia, o Definitorio da Ordem.

Pretextou-se o mau tempo e seria uma loucura ou barbaridade expôr os andores ás intemperies do mez borrascoso. Todos o comprehenderam e o pretexto era acceitavel.

Mas o domingo amanheceu brumoso, e o sol rompia a custo por entre os farrapos de nuvens pardacentas que pairavam no espaço. De repente, e como querendo associar-se à nossa festa, o sol triumphava, brilhante, e uma brisa do norte varria as ruas lamacentas. A's duas horas da tarde todos acreditaram que a procissão sahiria, percorrendo o itinerario habitual.

O tempo estava magnifico, as ruas perfeitamente limpas. Mas a *fortuna não deixou durar muito, esse dôce engano d'alma lêdo e cego.*

Accorria gente á egreja, e os irmãos terceiros vestindo os seus habitos, para ali se dirigiam.

Mas... estava escripto. A procissão não sahiria. Assim a resolveu o Definitorio em sua alta sabedoria!

O facto provocou ditos e remóques da parte de muitas pessoas que, com justo motivo, verberaram a resolução do Definitorio, revoltando-se contra elle.

A verdade é que não havia a menor rasão para que, quem superintende nos negocios da Ordem Terceira, privasse o povo d'Ovar e os forasteiros, de presenciarem e gosarem a magestosa procissão de domingo. O Definitorio já de antemão sabia que não sahiria a procissão. Basta referir-mos o facto de não se haver completado os adornos dos andores, para que a ninguem reste a menor sombra de duvida das intenções que animavam o Definitorio. Esta é a verdade.

Não foi o mau tempo que evitou a sahida da procissão. Foram os caprichos ou a vaidade injustificavel dos mandantes.

Até houve quem viesse barafustar para o Adro, como um possésso, pretendendo fazer a defesa do Definitorio, e subindo-lhe á mioleira a grandeza do mando!! Gente levada de *trinta* . . mafarricos!

Simplesmente triste e ridiculo, tudo isto! O publico é que não se importou com taes disparates, e foi criticando acerbamente toda esta scêna pouco edificante.

As intempestivas combinações e resolução do Definitorio não agradaram a ninguem, e ao menos, representaram uma desconsideração para o povo d'esta terra, e um lôgro para essa gente de fóra que aqui veio ao engano.

Essa triste gloria estava reservada para o Definitorio da Ordem Terceira.

Pois não lh'a invejamos.

Ahi ficam singelamente narrados os factos. Mas não finalisaremos, sem protestar vehementemente contra essa fantochada de domingo passado.

O que se fez, é uma offensa ao povo vareiro. E o espirito de revolta começou bem cêdo a manifestar-se...

Pena foi que não produzisse melhores resultados. Para bem de todos: dos revoltados, e dos culpados.

PROCISSÃO DE PASSOS

No proximo domingo, realisar-se-ha a magestosa solemnidade dos Passos, n'esta villa, sem duvida a maior festividadde d'este concelho.

A respectiva meza ha envidado todos os seus esforços e empregado todos os meios, afim de imprimir á solemne festividade o maior realce e brilho, para que os forasteiros, que n'esse dia affluem em numero avultadissimo, a esta villa, sejam portadores das melhores impressões.

A procissão deverá sahir da egreja matriz, pelas 4 ½ horas da tarde, e o sermão principiará pelas 3 ½.

E' orador o rev.mo Augusto Ra-

FOLHETIM

O PECININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

O ar de nobre resolução com que esta joven angustiada estendia a mão, o modo de pronunciar a palavra — amizade — como um adeus heroico a todos as suas illusões não os comprehendeu Magnani; e comtudo havia n'este gesto, e n'esta inflexão alguma cousa que o commoveu, sem poder adivinhar a cousa. Mila transformava-se deante d'elle n'um instante: perdia a graça infantil, e tomava uma atitude seria e bella como mulher.

Magnani recebeu esta pequena mão, na sua rude e musculosa, que não hesitava em consagrar n'um fraternal aperto, este pacto de amizade; mas estremeceu de repente ao contacto d'uma tão flexivel e pequenina, como se fôra de princeza; porque a irmã de Miguel era muito cuidadosa de sua belleza, e sabia ao mesmo tempo ser laboriosa e presumida em suas occupações.

Magnani imaginou sentir a mão d'Agatha, em que uma só vez tocára por singular fortuna. Sensibilisou-se, e de repente uniu ao seu coração a filha de Pedro Angelo como para dar-lhe um beijo fraternal; porem, não ousava, mas ella offereceu-lhe a fronte com ingenuidade, resolvendo comsigo ser o primeiro e o ultimo, querendo guardar esta lembrança como consagração d'um eterno adeus ás suas illusões.

Magnani observava ha cinco annos uma castidade exemplar. Parecia ter feito juramento de imitar a excepcional austeridade d'Agatha, e que absorvido n'uma idêa fixa, resolvera mortificar-se lentamente sem conhecer o amor, nem o hymineu. Nunca osculára mulher alguma, nem mesmo suas irmãs, dspois que sentia este chimerico e desesperado amor. Talvez o seu juramento fosse proferido n'uma hora de exaltação dolorosa.

Esqueceu-o, porem, este juramento formidavel, ao contacto da bella e loura cabeça de Mila, encostada confiadamente ao seu peito.

Contemplou-a um instante, e a limpidez d'estes olhos negros que reflectiam uma dor e uma coragem incomprehensiveis o lançou n'um extase de surpreza e encanto. Seus labios não encontraram a fronte de Mila, afastaram-se trementes, e parando em seu avelludado collo, talvez um ou dois segundos mais não fossem precisos para cimentar um laço de fraternidade.

Mila empalidece, cerram-se-lhe as palpebras,e um suspiro doloroso se exhala do seu coração magoado. Magnani, afflito, senta-a em uma cadeira, e foge cheio de medo, de espanto, e talvez remorso.

Mila ficou só, quasi em deliquio; passados instantes foi a cambalear fechar a porta do quarto, vindo ajoelhar-se encostada ao seu leito com o rosto escondido entre as mãos, ficando assim absorta.

Mas já não chorava, a dôr deu vez a uma revolução cheia de inergia e de aspirações ardentes. Era ainda o optimismo de Pedro Angelo, esta fé no destino, que é como se fôra uma superstição das almas fortes e dos espiritos activos, que n'ella se revelou. Ergueu-se, compoz os cabellos, olhou o espelho, e disse em voz alta, pegando no trabalho: Não sei porquê, nem quando, nem como, mas elle hade vir a amar-me, Deus não me ha-de desamparar.

Quando entrou Miguel, já ella tinha recuperado socego, encontrou-a distraida na contemplação d'um quadro da Virgem, que elle copiara com esmero, e que Mila tinha collocado, não em sua alcova, mas por cima d'um espelho. Applaudiu-se de tel-a deixado entregue ao primeiro impulso do desgosto, e de ver que a tinha animado a sua meditação solitaria.

Approximou-se sem ella o ter presentido, mas viu-o no espelho quando se inclinava para beijal-a no pescoço.

—Vá lá, beije-me, diz ella offerecendo-lhe a face, mas nunca no pescoço!

—E porque é que prohibes isso a teu irmão. minha caprichosa?

Não gosto, porque tem a barba a apontar-lhe, e não quero que me arranhe a pelle.

— Oh! muito me lisongeias! responde Miguel rindo, e esse medo honra muito as minhas barbas nascentes! Não supunha que já podessem fazer medo a alguem! Então, tens em menos apreço o assetinado das tuas faces, Milasinha? Estavas a admirar essa bella imagem?

—Talvez! é muito bonita, realmente, e com ella eu me quizera parecer em todo o sentido.

—E não sei se faltarei á verdade dizendo que era o que observavas deante do espelho?! Olha que isso são idêas muito profanas na presença d'uma santa imagem!

—Não era, Miguel, responde Mila com ar sério. Nada ha de profano na idêa que fiz da sua belleza.

Ainda não tinha reparado n'ella como hoje, e imaginava que não se poderia crear uma tão bella figura como a da princeza Agatha. Mas vejo agora que Raphael foi mais longe — deu-lhe mais força, senão mais serenidade. E' muito animada, esta divinal figura; tem vontade propria, está senhora de si. E' a mais casta, mas tambem a mais amante das mulheres; tem o ar de quem diz: amai-me, porque tambem vos amo.

—Não ha duvida, Mila; onde viste isso que dizes? pergunta Miguel fixando a irmã com surpreza. Creio n'um sonho, ouvindo-te fallar.

A conversa foi interrompida pela chegada do pai: Vinha propôr a Miguel o irem desfazer a casa do baile; todos os operarios que a tinham armado reunir-se-iam ás tres horas da tarde para desembaraçarem o palacio d'esta construcção volante.

Eu sei, diz Pedro-Angelo, que a princeza insiste em conservar os teus frescos sobre a tela, e por isso desejo que me ajudes a envolvel-a e a acondicional-a n'uma das galerias do palacio.

Miguel acompanhou seu pai; mas quando chegaram ao fim da cidade, este parou: meu filho eu agora vou sósinho para a quinta, onde quero fallar com a princeza relativamente a este maldito abbade que se disfarça em frade para espionar não sei o quê, nem quem, no palacio.

(Continúa.)

Clara de Miranda.